

VIAGEM PELO SERTÃO ROSIANO: ESTUDO TOPONÍMICO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

TONDINELI, Patrícia Goulart
Universidade Estadual de Montes Claros/FAPEMIG
patricia.tondineli@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa discorre sobre os topônimos no contexto de Grande Sertão: Veredas. Apresenta-se, para tal, o levantamento da toponímia presente na obra, seja real ou imaginária, classificado de acordo com as taxionomias propostas por Dick (1990), dividido em natureza física e antropocultural, cujas taxes representariam os principais padrões motivadores para a escolha do topônimo. O presente trabalho tem por objetivo relatar as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos pelo estudo dos topônimos presente em Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa. Este estudo integra o projeto “Enciclopédia do Grande Sertão”, que objetiva a elaboração de uma enciclopédia que discorra sobre diversos pontos, contribuindo para a bibliografia sobre a obra de Rosa. A pesquisa sobre os topônimos foi viável em virtude de sua grande incidência no contexto da obra de Rosa. Primeiramente, foi feito o levantamento dos topônimos presentes na obra. Para direcionar a pesquisa, usamos como base teórica Dick (1990), Costa (1997), Barbosa (1995) e Cunha (1986), entre outros. Os topônimos, após o levantamento feito, foram estudados etimologicamente para que pudessem ser classificados taxionomicamente. A partir daí, pode-se verificar que as taxes listam os principais padrões motivadores para a escolha do topônimo, os quais se transfiguram em processo memorialístico.

Palavras-chave: toponímia; *Grande sertão: veredas*; motivação; memória.

INTRODUÇÃO

É o próprio Riobaldo quem nos indica o valor da toponímia de *Grande sertão: veredas* ao relembrar de passagens da sua infância, “no sertãozinho”¹ de sua terra, no “baixo da ponta da Serra das Maravilhas”, em um sítio de nome Caramujo, perto do qual há uma “vila grande – que se chamou *Alegres*”, mas que hoje possui nome diferente – João Pinheiro. No lamento de Riobaldo:

Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas. *São Romão* todo não se chamou primeiro de *Vila Risonha*? O *Cedro* e o *Bagre* não perderam o ser? O *Tabuleiro-Grande*? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de *Belém* – de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José?! Precisava de ter mais travação. Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele... (ROSA, 2001, p. 58).

¹ As aspas utilizadas ao longo do texto sem as devidas referências são de palavras e/ou expressões constantes na 19ª edição de *Grande sertão: veredas* que é aqui analisada.

Sobre esse desabafo, esclarece Mary Daniel (1968) ter o autor de *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa, dotado-o de caráter pessoal, tendo em vista que a sua cidade natal, antes Vista Alegre, também sofreu esse revés, passando a ser Cordisburgo.

Com base no desabafo de Riobaldo percebemos então a importância dos topônimos que se encontram em *Grande sertão: veredas* para a compreensão da obra rosiana, seja porque permitem que nos situemos espacialmente, seja porque auxiliam na composição dos personagens, seja pelo fato de invocarem a identidade e a memória sertaneja, sugerindo pistas e indicando caminhos interpretativos. Os topônimos são, pois, testemunhos históricos, crônicas da comunidade, instrumentos de projeção temporal. Nas palavras de Dick, o topônimo:

Iconicamente simbólico, vai permitir, portanto, através de uma reconstituição de suas características imanentes, a captação de elementos os mais diferenciadores da própria mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, senão totalmente, pelo menos de forma considerável. (DICK, 1990, p. 21-2).

O topônimo, desse modo, exerce não apenas um papel signico no universo do discurso, mas também funciona como suporte de identificação. Por serem símbolos ideológicos ou do imaginário popular, apontam direções (como em *Detrás-das-Duas-Serras*²), caminhos físicos (como em *Estrada do mal*) ou posições situacionais (como em *Ribeirão Entre-Rios*).

Em sua história, os topônimos representam um mosaico de informações naturais e antropoculturais pela complexidade dos fatores que os envolvem; refletem “de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe”, possuindo, pois, papel importante “no ordenamento dos fatos cognitivos” (DICK, 1990, p. 19).

São os topônimos rastros, no sentido que nos propõe Walter Benjamin (*apud* JANZ, 2012, p. 19), através dos quais “nos apoderamos da coisa”, o topônimo, para o qual eles nos levam. Retomando a fala de Riobaldo – “Todos os nomes eles vão alterando.” –, comprova-se a sinonímia existente entre rastro e topônimo, sendo que este, na nossa interpretação do que expõe Gagnebin:

[...] sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala. [...] Na reflexão de Benjamin, o estatuto paradoxal do ‘rastro’ [*topônimo*] remete à questão da manutenção ou do apagamento do passado, isto é, à vontade de deixar marcas, até monumentos de uma existência humana fugidia, de um lado, e às estratégias de conservação ou de aniquilamento do passado, do outro. (GAGNEBIN, 2012, p. 27, grifos nossos).

Entretanto, e por isso, para que possamos fazer surgir o signo toponímico, é preciso laborá-lo com mãos de oleiro, em movimentos de indas e vindas, permitindo que as suas marcas sejam nelas depositadas, integrando-as e incluindo-as. Estudar os topônimos é, pois, assim como o labor do oleiro, um processo minucioso de execução de um determinado projeto; em outras palavras, o topônimo precisa ser trabalhado em seus diversos aspectos, identificando as “impurezas” e retirando-as para que se possa obter o produto final: recurso imprescindível para a compreensão dos meandros da obra rosiana, afinal, o ato de nomear não é algo que acontece levemente; pelo contrário, é fruto de um trabalho de elaboração e de

² Todos os exemplos de topônimos dados aqui foram retirados de Rosa (2001).

reelaboração da memória e da identidade, configurando-se, pois, o topônimo, como produto histórico de um povo.

É o próprio Riobaldo quem questiona e nos responde: “Que é um nome? Nome não dá: nome recebe.” (ROSA, 2001, p. 172). Esta passagem nos dá a certeza de que os nomes que compõem *Grande sertão: veredas* não são aleatórios, assim como tudo aquilo que perpassa o universo rosiano. Nesse viés é que a toponímia torna-se imprescindível para a compreensão do texto literário e da dimensão deste sertão que “aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (ROSA, 2001, p. 506).

1 O estudo toponímico: rastros do *Grande sertão*

O estudo toponímico apresenta-se, pois, fundamentalmente, como suporte de identificação, sendo a memória processo constante de *performance* e de reação; a busca pela construção e pela reconstrução do passado, fator primordial para a formulação ou reformulação identitária.

Na obra em análise, *Grande sertão: veredas*, identificamos 462 topônimos de taxas variadas, divergente do exposto por Alan Viggiano em *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, o qual cataloga 230 topônimos entre “cidades, vilas, povoados, ajuntamentos, além de rios, córregos, veredas e lagoas [...]” (VIGGIANO, 1974, p. 31).

Neste rol toponímico rosiano investigado por nós, 17 são as classificações que aqui recomendamos para os topônimos identificados, conforme expomos a seguir.

(1) **Animotopônimos**, relativos à vida psíquica e à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria prima não pertence ao meio físico propriamente dito, como em *Adroado*, corruptela de *Adroaldo*, antrotopônimo que significa aquele que governa com nobreza e que indica uma pessoa muito crítica consigo mesma, que analisa todos os seus atos e não admite cometer erros, mas que, no entanto, perdoa com facilidade as falhas alheias.

Na obra, lugar perto de um povoado cujo nome era Verde-Alecrim, para o qual Riobaldo “para o justo quinhão”, enviou alguns dos seus para que, assim como ele, “pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no vai-vigário; mas não obrassem brutalidades com os pais e irmãos e maridos delas, consoante que eles ficassem cordatos.” (ROSA, 2001, p. 540).

O que se verifica é que a passagem de Grande sertão: veredas na qual aparece o topônimo *Adroado* condiz com a sua significação: “aquele que governa com nobreza”, com generosidade e de forma magnânima, assim como o fez Riobaldo com os jagunços do seu bando, “para o justo quinhão”.

(2) **Antrotopônimos**, que guardam a lembrança dos primeiros descobridores dos acidentes que nomeiam, como em *Lassance*, topônimo em homenagem ao engenheiro Antônio Ernesto Lassance da Cunha, responsável pela inauguração da estação ferroviária da localidade em 1908. Lugar conhecido também por Os-Porcos, que servia de ponto de descanso para os tropeiros, por volta de 1847.

Era lá, naquele “meio-mundo diverso, onde não tinha nascido”, que morava o menino Reinaldo, com seu tio, e para o qual Riobaldo foi à busca, vã, pelo passado:

Aonde fui, a um lugar, nos *gerais* de Lassance, Os-Porcos. Assim lá estivemos. A todos eu perguntei, em toda porta bati; triste pouco foi o que me resultaram. O que pensei encontrar: alguma velha, ou um velho, que da história soubessem – dela lembrados quando tinha sido menina – e então a razão rastraz de muitas coisas haviam de poder me expor, muito mundo. Isso não achamos. (ROSA, 2001, p. 620).

(3) **Cromotopônimos**: relativos às cores e suas nuances, como em *Lagoa Clara*, feminino de claro (clar- + -a), do latim *clarus*; luminoso, brilhante, iluminado; no figurativo, nítido, inteligível, manifesto.

Em *Grande sertão: veredas*, lugar pelo qual passaram Riobaldo, Diadorim, Alaripe, Jesualdo, João Vaqueiro e Fafava com o intuito de encontrar Medeiro Vaz, pois estavam “os do Hermógenes” na “banda de lá do Rio do Chico: nas vertentes da beira da mão direita do Carinhanha, no Chapadão Antônio Pereira.” (ROSA, 2001, p. 320).

(4) **Cronotopônimos**: referentes a efemérides, datas históricas e demais alusões ao tempo cronológico, como *Vila Inconfidência*, derivação de confiança, do latim *confidentia*. Falta de fé ou de fidelidade para com alguém, especialmente para com o Estado ou o soberano; infidelidade, revelação do segredo confiado. Provavelmente possui relação com a Inconfidência Mineira, movimento patriótico do final do séc. XVIII (1789) que, chefiado pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, pretendia libertar o Brasil do regime colonial português.

Na obra de Rosa, lugar pelo qual rompeu o bando, com “Zé Bebelo mesmo em capitania”, “seguindo o traço do Córrego Felicidade.”; itinerário que marca a entrada de Riobaldo no bando:

Com eles eu estava vindo, então, o senhor vê. Vinha, para conhecer esse destino-meu-deus. O que me animou foi ele predizer que, quando eu mais não quisesse, era só opor um aceno, e ele dava baixa e alta de me ir m'embora.

Digo que fui, digo que gostei. À passeata forte, pronta comida, bons repousos, companheiragem. O teor da gente se distraía bem. Eu avistava as novas estradas, diversidade de terras. Se amanhecia num lugar, se ia à noite noutra, tudo o que podia ser ranço ou discórdia consigo restava para trás. Era o enfim. Era. (ROSA, 2001, p. 148).

(5) **Ergotopônimos**: relativos aos elementos da cultura material do homem, como em *Itacambira*, cuja etimologia é *ita-acambira*, o forcado de ferro, o compasso, a tenaz; ou *ita-cam-bir*, pedra de dorso empolado; ou *ita-caá-bir*, a pedra pontuda que sai do mato.

Lugar cuja matriz continha a resposta pela qual Riobaldo busca após a morte de Diadorim:

Só um letreiro achei. Este papel, que eu trouxe – batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da éra de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? (ROSA, 2001, p. 620-1).

(6) **Etnotopônimos**: relativos a agrupamentos étnicos, cidades, países, regiões, continentes ou indicativos de procedência geográfica, assim como *Sento-Sé*, nome advindo de uma tribo indígena chamada Centoce.

Conforme consta em *Grande sertão: veredas*, lugar que se encontra ao “se descer esse São Francisco, que aprova”, sendo “só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros [...]” (ROSA, 2001, p. 128).

Também como exemplo de etnotopônimo, temos o *Morro do Tebá*, variação de tebas, do antropônimo Tebas (cidade da Grécia antiga). Na definição d'O léxico de Guimarães Rosa para tebas, encontra-se: “indivíduo importante, valentão.” (MARTINS, 2001, p. 435). Em

Grande sertão: veredas, *Morro do Tebá* é também conhecido como *Morro dos Ofícios*, em cujo “vir de cima” morava “o homem em quem o catrumano Teofrásio com sua garrucha antiquíssima apontou, [...] um velho.”. Deste, Riobaldo salvou a vida: “Socorrido assim, pelo fato d’eu não conseguir conhecer a intenção da existência dele, sua razão de sua consciência. Ele morava numa burguêia, em choça muito de solidão, entre as touças da sempreviva-serrã e lustro das folhagens de palmeira-pindoba.” (ROSA, 2001, p. 534-5). Como narra Riobaldo:

Homem no sistema de quase-dôido, que falava no tempo do Bom Imperador. Baiano, barba de piassaba; goiano-baiano. O pobre, que não tinha as três espigas de milho em seu paiol. Meio sarará. A barba, de capinzal sujo; e os cabelos dele eram uma ventania. [...] Esse era o velho da paciência. [...] Velhinho que apertava muito os olhos.

Seria velhacal? Não fio. [...] por armas de sua personalidade, só possuía ali era uma faquinha e um facão cego, e um calabôca – porrête esse que em parte ocado e recheio de chumbo, por valer até para mortes. E ele mancava estragado: por tanto que a metade do pé esquerdo faltava, cortado – produção por picada de cobra – urutú geladora, se supõe. [...] Me chamou de: – ‘Chefão cangaceiro...’

[...] no esquipático de olhar e ser, qualquer coisa em mim ele duvidava dela. Mas – que é que era? que é que era?!... Eu carecia de indagar. E, mesmo – porque a chefe não convém deixar os outros repararem que ele está ansiando preocupação incerta – tive de indagar leixo, remediando com gracejo diversificado: – ‘Mano velho, tú é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?...’

Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem; e digo ao senhor:

– ‘Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.’ (ROSA, 2001, p. 535-7).

(7) **Fitotopônimos**: topônimos relativos à flora, como em *Andrequicé*, cuja etimologia é *andira-kicé*, a face do morcego, nome indígena de uma gramínea.

Local que, juntamente com Curvelo, Corinto, Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita e o Rio Urucúia, figura na primeira página de *Grande sertão: veredas*, e onde, “agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem [...]” (ROSA, 2001, p. 24).

(8) **Geomorfotopônimos**: relativos às formas de relevo terrestre, como *Paredão*, aumentativo de *parede*, do latim *pariete* (grande parede). Além disso, no português do Brasil, equivale a ribanceira alta de um rio, muitas vezes, talhada a pique, ou a encosta abrupta de serra.

Este topônimo, que aparece 17 vezes, é extremamente marcante na obra rosiana. Local da morada final de Diadorim, é nele que se trava a última batalha:

O Paredão. O senhor ponha. Como esvoaça mosca gorda, de donde se matou boi. Tudo estava perfeito tranquilo. Diadorim – com chapéu xíspeito, alteado. Nele o nenhum negar: no firme do nuto, nas curvas da boca, em o rir dos olhos, na fina cintura; e em peito a torta-cruz das cartucheiras. Os mais, zelando nas armas, corriam os dedos, apalpavam por afago. Conversei com todos. Aqui a guerra – que queriam guerra. Assim os meus catrumanos: quais as caras deles iam ficando de demônios; mais feio no demônio é o nariz e os beiços... (ROSA, 2001, p. 588).

(9) **Hidrotopônimos**: relativos aos cursos d'água, como *Lençóis*, plural de lençol (lençol + -is), do latim **lenteōlum*, de *linteōlum*. Lençol de água, corrente de água subterrânea.

Em *Grande sertão: veredas*, local para o qual foi mandado um “portador” para avisar Sô Candelário, que lá estava “piorado doente”, da morte de Joca Ramiro (ROSA, 2001, p. 316).

(10) **Hagiotopônimos**: referentes aos nomes de santos e de santas do hagiológico romano; assim como termos referentes e alusivos ao catolicismo, como em *Rio Jordão*, assim chamado pelos muitos que nele foram batizados contra o seu gosto (comparando com o bíblico Jordão, onde Jesus Cristo foi batizado). Como descreve Riobaldo: “Um ribeirão raso e estreito [...] nem bem seis braças. Riacho desses que os que vão morrer chamam de rio-Jordão.” (ROSA, 2001, p. 479).

(11) **Litotopônimos**: lugares cujos nomes remetem às coisas de índole mineral, como *Vila da Pedra-de-Amolar*, cuja etimologia é quartzo ou arenito de cimento silicoso duro, ou outra pedra de características similares, usado para afiar instrumentos cortantes.

Local de *Grande sertão: veredas* em que “venta é da banda do poente, no tempo-das-águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui.”, e para o qual seguiu a procissão que Riobaldo e o menino Reinaldo acompanharam “pelo prazer de tomar parte no conforto de religião” (ROSA, 2001, p. 74).

(12) **Mitotopônimos**: nomes de lugares que recordam entidades ou objetos mitológicos e/ou folclóricos; além de abranger nomes referentes ao espiritismo, como *Chapadão do Arrenegado*, de negar, do latim *negāre*. De acordo com Nilce Sant’Anna Martins (2001, p. 45), uma das denominações do Diabo na obra de Guimarães Rosa: “E esses velhos chapadões – dele, dos Couros, de Antônio Pereira, dos Arrepiados, do Couto, do Arrenegado.” (ROSA, 2001, p. 451).

(13) **Numerotopônimos**: relativos aos nomes constituídos por adjetivos numerais ou a termos a eles referentes, como *Serra das Trinta Voltas*: andar ao redor de algo trinta vezes; explorar algo com extrema cautela.

É o que vemos em *Grande sertão: veredas*; cuja *Serra das Trinta Voltas* é o lugar para o qual Rozendo Pio, homem que rastreava, deveria “vir, debaixo de todos os segredos, tapejar o bando de Joca Ramiro por bons trilhos e atalhos, [...] modo de caber em duas noites, sem perigo maior, o que, se não, durasse seis ou sete.” (ROSA, 2001, p. 136).

(14) **Sociotopônimos**: topônimos cujos nomes envolvem aglomerados populacionais, como em *Fazenda Baluarte*, do antigo provençal *baloart*, que corresponde ao francês do século XV *boulevard*, hoje, *boulevard*, derivado do médio neerlandês *bolwerq*: reparo, trincheira; fortaleza inexpugnável.

Na obra de Rosa aqui analisada, local no qual morava o Coronel Rotílio Manduca, compadre de seo Ornelas “[...] homem bom descendente, posseiro de sesmaria”, e que: “Antes, tinha valido, com muitos passados, por causa de política, e ainda valesse” pelo seu relacionamento com o dono da Fazenda Baluarte. (ROSA, 2001, p. 467).

(15) **Somatopônimos**: designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou animal, como em *Povado dos Papudos*, plural de papudo, de papar, do latim *papāre*. Que tem papo grande; que tem papos ou pregas, empapuçado.

Em *Grande sertão: veredas*, local no qual uma “mulher [...] teve seu meninozinho parido no chão do rancho”; mulher essa que devia a Riobaldo “mercês, então não podia encaminhar a Deus, por mim, nem um louvamém?” (ROSA, 2001, p. 517).

(16) **Zootopônimos**: relativos aos animais, como em *Fazenda Canindé*, do tupi *kani’ne*; ave da família dos psitacídeos; arara de barriga amarela (*Ara ararauna*), uma das espécies emblemáticas do cerrado brasileiro.

Em *Grande sertão: veredas*, local onde vivia Dutra Cunha, “o homem de um olho só”: “A gente até carecesse, no derradeiro durar, de comer somente os couros assados – conforme o caso terrível de Dutra Cunha, de um diabo, que, em sua fazenda do Canindé, resistiu ao cerco de Cosme de Andrade e Olivino Oliviano.” (ROSA, 2001, p. 368).

(17) **Nomes metafóricos:** classificação por nós proposta e que se refere aos topônimos cujos nomes provêm da transferência ou do transporte de palavras e expressões que funcionam como recurso figurativo da e na linguagem, como em *Vereda Jijujã*, corruptela da *Vereda do Burití Pardo*, conforme o próprio Riobaldo: “Mas ele tem de morar longe daqui, na Jijujã, Vereda do Burití Pardo...” (ROSA, 2001, p. 25).

Conforme os exemplos utilizados nas 17 taxionomias, podemos ver que há coerência entre o sentido morfo-etimológico do topônimo e as características a eles inerentes expostas nas páginas de *Grande sertão: veredas*, seja pela caracterização de personagens, seja pela caracterização da paisagem, seja pela descrição e/ou narrativa de algum acontecimento.

Se, conforme já dissemos antes, os topônimos são rastros que nos permitem apoderar de algo e, além disso, o seu estudo nos permite entender melhor este *Grande sertão*, tanto em seu processo de criação quanto em seu aspecto final, por ser Rosa um “entalhador de detalhes”, e por ensejar um percorrer “percorrer os sertões” (IEB³) em todos os aspectos que o compõem, o topônimo, é, pois, um guia seguro para “sertanizar” (IEB).

Nessa recomposição toponímica, os rastros nos permitem, citando aqui Jeanne Marie Gagnebin (2012), o “verdadeiro lembrar”, pois o processo de rememorar “salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida.” (*apud* SELDLMAYER; GINZBURG, 2012, p. 35).

É o que podemos constatar, por exemplo, na composição toponímica *Nhanva*, nome que, além da sonoridade, mostra um arranjo morfológico intencionalmente elaborado: *nhan*, do tupi, um dos nomes indígenas para o espírito do mal, mais o verbo *ir*, sendo *Nhanva* correspondente a “o demônio que anda.” (UTEZA, 1994, p. 103).

Fazenda de Zé Bebelo, chefe dos jagunços, “raposa que demorou”, mestre da guerra e “mestre pavor” (ROSA, 2001, p. 103). Figura que, gritando “de onça e de uivado”, tinha a finalidade de “remexer o mundo!” (ROSA, 2001, p. 104). Como conta Riobaldo: “Zé Bebelo recomendava, feito rondando quarto de doente. Ele cheirava até o ar. Sonso parecia um gato.” (ROSA, 2001, p. 112). E assim o descreve Riobaldo:

Zé Bebelo – ah. Se o senhor não conheceu esse homem, deixou de certificar que qualidade de cabeça de gente a natureza dá, raro de vez em quando. Aquele queria saber tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar. Não esbarrava quieto. Seguro já nasceu assim, zureta, arvoado, criatura de confusão. Trepava de ser o mais honesto de todos, ou o mais danado, no tremeluz, conforme as quantas. Soava no que falava, artes que falava, diferente na autoridade, mas com uma autoridade muito veloz. [...] Zé Bebelo era inteligente e valente. [...]. E Zé Bebelo pegava no ar as pessoas. [...]

No regular, Zé Bebelo pescava, caçava, dansava as dansas, exortava a gente, indagava de cada coisa, laçava rês ou topava à vara, entendia dos cavalos, tocava violão, assoviava musical; só não praticava de buzo nem baralho – declarando ter receios, por atreito demais a vício e riscos de jogo. Sem menos, se entusiasmava com qual-me-quer, o que houvesse: choveu, louvava a chuva; trapo de minuto depois, prezava o sol. Gostava, com despropósito,

³ As citações cuja referência for IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) referem-se a anotações de Guimarães Rosa disponíveis para consulta na referida instituição, na Universidade de São Paulo.

de dar conselhos. Considerava o progresso de todos [...] e falava, horas, horas. [...] O passado, para ele, era mesmo passado, não vogava. E, de si, parte de fraco não dava, nenhão, nunca. [...] com ele, até o feio da guerra podia alguma alegria, tecia seu divertimento. Acabando um combate, saía esgalopado, revólver ainda em mão, perseguir quem achasse, só aos brados: – “Viva a lei! Viva a lei!...” – e era o pipôco-paco. Ou: – “Paz! Paz!” – gritava também; e bala: se entregaram mais dois. – “Viva a lei! Viva a lei!...” Há-de-o, que quilate, que lei, alguém soubesse? Tanto aquilo, sucinto, a fama correu. [...] Esse era ele. Esse era um homem. Para Zé Bebelo, melhor minha recordação está sempre quente pronta. Amigo, foi uma das pessoas nesta vida que eu mais prezei e apreciei. (ROSA, 2001, p. 92-94).

Outro exemplo que podemos dar sobre os rastros que permeiam os topônimos de *Grande sertão: veredas* é a *Fazenda Santa Catarina*, “nascente de vereda”, “abençoada fazenda” lugar “perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se removem.” (ROSA, 2001, p. 204).

Era ali que morava Otacília, moça feita para casar, que Riobaldo conheceu em “conjuntos suaves, [...] quando os anjos e o vôo em volta [...]”. Otacília, “estilo dela, era toda exata, criatura de belezas.” (ROSA, 2001, p. 156), “fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença.” (ROSA, 2001, p. 205). Como a descreve Riobaldo:

Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. Águas para fazerem minha sede. Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto, em cima de alguma curva no ar, que não se via. Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa! Otacília. O prêmio feito esse eu merecia? (ROSA, 2001, p. 174).

Não é sem motivo, portanto, que a moradia de Otacília remete à santa padroeira de jovens e de donzelas, por sua virgindade intacta: Santa Catarina.

LEMNISCATAS

Na obra de Rosa, como já foi dito por tantos estudiosos e críticos, nada é por acaso. O seu processo de criação ele próprio descreve, contrapondo-se à “gênese divinatória” que tantos lhe atribuem:

No plano da arte e criação – já de si em boa parte subliminar ou supraconsciente, entremeando-se nos bojos do mistério e equivalente às vezes quase à reza – decerto se propõem mais essas manifestações [divinatórias]. Talvez seja correto eu confessar como tem sido que as estórias que apanho diferem entre si no modo de surgir. À Buriti (NOITES DO SERTÃO), por exemplo, quase inteira, “assisti”, em 1948, num sonho duas noites repetido. [...] Quanto ao GRANDE SERTÃO: VEREDAS, *forte coisa e comprida demais* seria tentar fazer crer como foi ditado, sustentado e protegido – por forças ou correntes muito estranhas. (ROSA, 1968, *apud* GOULARD, 2006, p. 114-115).

Mais ainda, por seu caráter enciclopédico, a leitura de *Grande sertão: veredas* demanda o cruzamento de saberes diversos; “e apostar apenas numa direção, enfatizada como a certa, é correr o risco de reduzir o romance.” (MORAIS, 2002, s.p.).

Fatos como esses pudemos verificar em nossas pesquisas realizadas no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo, ao lermos as anotações de Rosa, tanto em suas cadernetas quanto em sua biblioteca pessoal.

Através de um trabalho minucioso, tal qual o de um oleiro, Guimarães Rosa busca rastros que possam levar à composição do produto final, como, por exemplo, pode-se verificar pela passagem de *Grande sertão: veredas*: “Antônio Dói eu conheci, certa vez, na Vargem Bonita, tinha uma feirinha lá, ele se chegou, com uns seus cabras, formaram grupo calados, arredados. Andalécio foi meu bom amigo. Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?” (ROSA, 2001, p. 183). Trecho este bem marcado pelas anotações de Rosa, nas quais vemos: “Antônio Dó morto à traição, a golpes de uma mão-de-pilão, em agosto de 1929. Foi entre Serra das Araras e Vargem Bonita, a 140 Kms de Januária, pouca mais ou menos, na localidade denominada Aldeia” (IEB). Ou ainda pelo topônimo Buritizal, que ele mesmo marca como “(hoje Sílvia Campos), município de Pompéu” (IEB), entre tantas outras marcações encontradas relativas ao conjunto toponímico de sua obra.

A obra rosiana, no que se refere aos topônimos, não é diferente de todos os outros aspectos da sua criação. O topônimo não é, assim, algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico, político e cultural de uma comunidade, mas reflete e refrata, de perto, a própria essência do ser social, por ser caracterizado pela substância de conteúdo. Afinal, a constituição da linguagem, a formação das palavras, mais especificamente, a composição toponímica estaria vinculada ao perceptual, aos rastros que são deixados em e por cada uma delas. Para concluir, fazemos nossas as palavras de Jaime Ginzburg:

Entender a linguagem [*os topônimos*] envolve, pelo menos, dois horizontes diversos: a concepção de que a linguagem [*o topônimo*] traz em si o objeto a que se refere, sendo capaz de funcionar de modo imediato na produção de significado, e a percepção de que na linguagem [*no topônimo*] tudo é cifrado, nada é imediato, e é constante a exigência de trabalho interpretativo. Não é no olhar rotineiro do cotidiano, em princípio, que podem residir chances de perceber o potencial de um resíduo [*ou rastro*]. É necessário, em uma situação contemplativa, agir como observador capaz de perceber a realidade imediata e, ao mesmo tempo, entender cada objeto [*topônimo*] como uma potência latente do que não foi dito [...] (GINZBURG, 2012, p. 110, grifos nossos).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1995.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão territorial administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 27-38.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 107-132.

GOULARD, Audemaro Taranto. Veredas do imaginário: a busca da gênese da criação em Guimarães Rosa. *Graphos*, João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jul. 2006.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. *João Guimarães Rosa*. São Paulo, s.d.

JANZ, Rolf-Peter. Ausente e presente: sobre o paradoxo da aura e do vestígio. Trad. Georg Otte. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 13-25.

MORAIS, Márcia Marques de. A história dentro da estória: a linguagem rosiana como mediação entre fato e ficto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 8., 2002, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI2012_1019154233.pdf Acesso em: 15 nov. 2013.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. Tradução de José Carlos Garbuglio. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Editora Comunicação; Brasília: INL, 1974.